

COSTA, Júlia Morena. *O projeto literário de Roberto Bolaño: estética do fracasso*. Salvador: EDUFBA, 2023.

Marcia Paraquett

Universidade Federal da Bahia (UFBA) |
Salvador | BA | BR
CNPq
marciaparaquett@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-7474-6177>

Ao pé da letra, uma resenha crítica consiste na descrição analítica de uma obra, ressaltando seu conteúdo, seu estilo e, sobretudo, seu mérito. No entanto, para resenhar *O projeto literário de Roberto Bolaño: estética do fracasso*, escrito por Júlia Morena Costa e lançado em 2023, não poderei fugir da subjetividade de meu olhar, já que a leitura de sua obra me deslocou como leitora em diversos momentos. Por isso, para além de apresentar, objetivamente, seu livro, me permiti-rei conversar com a autora, na medida em que falamos de lugares que têm importantes proximidades, assim como distanciamentos.

Júlia Morena Costa é uma jovem pesquisadora, nascida na década de 1980, enquanto eu sou da metade do século XX, aproximando-me mais do contexto temporal de Roberto Bolaño, que nasceu apenas cinco anos depois de mim. Há, portanto, duas temporalidades que se põem em diálogo, afetando a escrita do autor e a leitura das duas leitoras.

Assim como Bolaño, eu vivenciei as ditaduras militares da América Latina, embora tenhamos tido experiências diferentes, mas, sem nenhuma dúvida, compartilhamos os mesmos sentimentos de raiva, ódio, medo e, claro, a sensação de fracasso, já que nossa juventude estava sendo silenciada brutalmente. Aquela dura experiência o levou a escrever literatura e me levou a ler literatura. Ocupamos o mesmo espaço, embora em lados opostos, constituindo o todo, até porque não há leitura sem escrita e nem escrita sem leitura.

Começo fazendo esse registro, porque minha leitura da leitura de Júlia Morena Costa revelou-me a compreensão de duas diferentes gerações, ainda que eu tenha concordado, integralmente, com suas análises. Para discutir o projeto literário de Roberto Bolaño, a autora se orientou pela seguinte pergunta:

“como a narrativa de Roberto Bolaño pode responder ao duplo fracasso das tentativas de modernidade produzidas aqui, por nós latino-americanos?” (Costa, 2023, p. 311).

Portanto, a questão posta pela autora nos revela a atenção dada pelo escritor à fracassada modernidade da América Latina, interrompida pelo fascismo imposto pelas ditaduras militares. Essa consciência levou Bolaño a criar uma estética inovadora quanto ao “tratamento dado ao tempo, à imagem e à montagem de sua escrita fragmentada” (Costa, 2023, p. 32). Essas categorias – modernidade, tempo, imagem, montagem – orientam a organização do livro, dividido em capítulos que discutem a associação entre a literatura e o cinema na obra de Roberto Bolaño.

Com muita precisão, Júlia Morena Costa identifica a compreensão de Roberto Bolaño sobre o tempo na modernidade, sempre regido pela máquina e associado à produtividade. Segundo a autora, o tempo morto, os saltos temporais e a distensão do tempo são elementos presentes na literatura de Bolaño, assim como são fartamente encontrados no cinema, permitindo-se a aproximação entre as duas narrativas estéticas. Essa compreensão a levou, acertadamente, a organizar o livro em capítulos que falam de Bolaño e do cinema; do sonho e do pesadelo na cena política; da margem e do centro na cena literária; da imagem; do tempo; da montagem e, conclusivamente, da estética do fracasso.

O fracasso é um tema recorrente na literatura de Bolaño, estetizado para dar conta de tantas derrotas, vividas por ele e, conseqüentemente, por seus personagens, inventados a partir da experiência dolorosa de sua própria vida. Segundo Júlia Morena Costa, o fracasso se encontra em “autores de insucessos editoriais, ‘detetives’ em buscas infrutíferas [...], poetas errantes e desconhecidos, exilados sem lar” (Costa, 2023, p. 152).

Além do fracasso, que é uma forma de violência vivida pelo autor e seus personagens, os romances e contos de Roberto Bolaño acusam o machismo, a tortura, as prisões políticas, o terror psicológico, as perseguições, os sequestros, os assassinatos políticos, a exploração sexual, as opressões religiosas, ou seja, estão sempre atentos à violência que deveria ser cuidada pelo Estado.

No entanto, na minha leitura, foi a relação com o tempo o que melhor definiu o olhar do escritor, que buscou no seu passado pessoal e no de seus personagens, os traumas ocasionados pela violência política. No México teria vivido sua primeira derrota, em 1968, ano em que chegava àquele país, testemunhando o Massacre de Tlatelolco. A segunda derrota teria sido provocada pelo 11 de setembro de 1973, quando recém havia chegado ao Chile para apoiar as políticas socialistas de Salvador Allende. De certa forma, esses traumas, vividos ou por viver, também afetaram o olhar das duas leitoras, o meu e o de Júlia Morena Costa, que nos diz: “É preciso estar atento. É preciso ser vigilante” (Costa, 2023, p. 319). Para a autora, em Bolaño,

[...] o passado precisa ser explodido em estilhaços, resgatando-o de sua pretensa linearidade, para passar por uma nova montagem, menos triunfalista, fazendo caber o que ficou de fora, os abismos, os fracassos, os vencidos. Essa nova montagem é uma resistência à tendência hegemônica da racionalidade instrumentalizada, que propõe um discurso único e autoritário da história oficial (Costa, 2023, p. 250).

Nesse sentido, a literatura de Roberto Bolaño e a crítica de Júlia Morena Costa são ações políticas que vão além da literatura e da crítica literária. Ou seja, ao produzir seus romances e contos, o escritor desenvolveu seu projeto político de resistência, alertando sua geração a não permitir outras violências que pudessem paralisá-la. Da mesma forma, as análises feitas pela

crítica literária alertam sua própria geração, convidando-a a estar atenta e vigilante, para que outros eventos fascistas não se repitam.

Como uma pessoa pertencente à geração do escritor, não tive a oportunidade de ouvi-lo enquanto vivia sob a ameaça do mesmo fascismo em terras brasileiras. Ele me chega muito depois, intensificado, agora, através do alerta que me faz Júlia Morena Costa, convidando-me a ser detetive como ela e como ele. Assim como Júlia, ao procurar por pistas que me levassem à compreensão de *O projeto literário de Roberto Bolaño: estética do fracasso*, “havia eu mesma me encontrado nesse lugar de detetive, que quer compreender qual o limite da literatura em tempos de barbárie e como esse mesmo veneno pode ser também seu bálsamo e sua elaboração, ao encontrar-se nas mãos de um autor como Bolaño” (Costa, 2023, p. 22).

O(a) latino-americano(a) precisa ser detetive todos os dias. Somos um território geopolítico, marcado por constantes mudanças entre a esquerda e a direita, ou melhor, entre a democracia e o fascismo, a nos controlar e a nos lembrar que precisamos estar alertas. A geração de Roberto Bolaño e a minha esteve atenta, e agora é a de Júlia Morena Costa que assume esse papel, dando-me uma grande sensação de alívio, porque sei que o tempo passa e que as ondas, do bem ou do mal, voltarão. Se Roberto e eu estamos saindo de cena, Júlia Morena Costa está chegando com a sua juventude para nos dar a sensação de que tudo valeu à pena.

Termino esta pequena resenha com duas certezas: ter identificado a grandeza do escritor Roberto Bolaño e a imprescindível vigilância da leitora Júlia Morena Costa.